**A *ESCREVIVÊNCIA* COMO MOVIMENTO NECESSÁRIO ÀS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS PRETOS**

Caroline Cabral da Costa[[1]](#footnote-1)

Leonardo Nolasco-Silva[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este trabalho, ancorado nas pesquisas com os cotidianos e na noção de escrevivências de Conceição Evaristo, busca movimentar o pensamento na direção de uma pergunta: quais são os movimentos necessários para se fazer pesquisas com os cotidianos pretos? Não se pretende aqui responder a essa questão ou criar fórmulas, mas sim provocar debates, expandir e empretecer horizontes. As pesquisas com os cotidianos serão pensadas como uma grande roda de samba, onde nossos corpos se envolvem, se cheiram, se tocam, se esbarram, se sentem, se misturam e se olham. Nesse contexto, em comunhão, os corpos são convidados a requebrar as costelas, a dançar até cansar, até esquecer-se dos problemas. E isso é um modo de subjetivação, de reinvenção da vida. Interessa à pesquisa, então, perguntar sobre os modos de se pesquisar com os cotidianos pretos, marcando a singularidade preta nos modos de fazer e de produzir conhecimento, para nos inventarmos de um modo novo.

**Palavras-chave:** Escrevivência, Pesquisas, Cotidianos.

**INTRODUÇÃO**

Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.

 (Nego Bispo)

Fazer pesquisas nos/dos/com os cotidianos implica produzir abordagens que vão além da superficialidade do olhar habitual. É preciso se demorar, se misturar, se lambuzar, desacostumar a percepção e estranhar o que nos é rotineiro. Penso que pesquisar com os cotidianos seja uma forma de transgredir hooks (2013) e desafiar as normas tradicionais que empurram nossos corpos para fora das nossas pesquisas.

Aqui, no que quero chamar de pesquisas com os cotidianos pretos, as pesquisas reivindicam os corpos presentes, reforçando que é preciso romper, de uma vez por todas, com a ilusão de uma dicotomia entre academia e vida cotidiana, abrindo espaços para o embaraço, para as misturas e para a ginga das múltiplas formas de performar a vida. Porque pesquisar com os cotidianos exige de nós, “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores.” (Andrade; Alves; Caldas, 2019, p. 20).

 No trânsito de cada investigação, “As pesquisas nos/dos/com os cotidianos partem deste princípio básico: nos cotidianos todos expressam alguma coisa, inclusive o pesquisador” (Nolasco-Silva, 2024, p. 5) e, nas palavras de João Guimarães Rosa (1956), por nós atualizadas, o que as pesquisas com os cotidianos querem da gente é coragem. Coragem para fabular novos modos de existência, novas formas de subjetividade e novas maneiras de pensar o mundo, que não estejam presas às categorias impostas pelas formas hegemônicas de gestão da vida. Como resposta aos aprisionamentos identitários, operamos com a fabulação. Para Deleuze, a fabulação tem um potencial político emancipatório. (Deleuze; Gattari, 1995).

Penso as pesquisas com os cotidianos como uma grande roda de samba. Nossos corpos se envolvem, se cheiram, se tocam, se esbarram, se sentem, se misturam e se olham. As músicas nos convidam a requebrar as costelas, e segundo minha avó Mariana, requebrar as costelas significa dançar até cansar, até não aguentar mais, até esquecer os problemas. Arrisco dizer que requebrar as costelas é também uma maneira de reinventar a vida.

Ailton Krenak (2019) diz que cantar e dançar são formas de ampliar o nosso horizonte – não o prospectivo, mas o existencial. Chimamanda Ngozi Adichie (2019) nos ensina que é preciso desestabilizar as ideias e romper com padrões que nos condicionam a pensar uma única ideia de ser humano e uma única forma de existência.

Assim como as rodas de samba exigem de nós o requebrar das costelas, fazer pesquisa com os cotidianos pressupõe atos de invenção. A “invenção é, nessa perspectiva, sempre a produção do novo” (Nolasco-Silva, 2019, p. 45), e "o cotidiano é o lugar do inventado, lugar de uma incansável operação cultural que não apenas produz os objetos materiais da vida cotidiana, mas também os significados e valores que lhes são atribuídos." (Certeau, 1994, p. 39). Dessa forma, o cotidiano é um espaço de criação e de invenção das práticas sociais, culturais e históricas, produzidas ao longo de nossas vidas, em processos de subjetivação. Logo, fazer pesquisas com os cotidianos é também uma forma de compreender que somos múltiplos e estamos em constante estado de tornar-se, inacabados e transformados pelas experiências.

Ao escrever esse trabalho – e ao escrevê-lo, inventá-lo (e, ao inventá-lo, subjetivar-me) – quero pensar o exercício das pesquisas com os cotidianos tendo as vidas pretas como ponto de partida. Ponto de partida das *‘práticasteorias’,* ponto de partida dos modos de fazer (que podemos chamar, se quiserem, de metodologias) e ponto de chegada também. É desejo deste trabalho criar caminhos de perturbação e de inquietação, para pensarmos as produções científicas a partir de cotidianos marginalizados, tomando as margens segundo as provocações de Kilomba (2019)[[3]](#footnote-3) e de Rufino (2019)[[4]](#footnote-4), como um lugar de potência, resistência e de criação de novos discursos.

Esse trabalho foi gestado a partir de muitas perguntas, dúvidas e reflexões*. Afinal, qual é o movimento necessário para se fazer pesquisa com os cotidianos pretos?* Já adianto que não temos a intenção de responder a essa pergunta ou de definir caminhos únicos para se pensar pesquisas e estudos nessa seara. A ideia aqui é fazer o pensamento girar.

**METODOLOGIA**

Entendo que um dos movimentos mais importantes das pesquisas com os cotidianos é aquele que diz que o que importa nesse tipo de investigação é o que *‘dizemsentempensamfazem’* os nossos interlocutores, as pessoas comuns que são, indubitavelmente, coautores das nossas pesquisas. Com esse movimento, nomeado de *Ecce Femina* (Andrade; Alves; Caldas, 2019, p. 20), passo a conversar, com a Conceição Evaristo e sua noção de escrevivência para expandir e empretecer os horizontes da pesquisa.

Conceição Evaristo (2020), nos apresenta a escrevivência como uma cadeia de sentidos, como um fenômeno diaspórico que nasce a partir da figura da Mãe Preta, essa mulher que “devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de contar histórias para adormecer os da casa-grande.” (Evaristo, 2020, p. 30). O termo escrevivência nasce da necessidade de se pensar a escrita como tecnologia de visibilidade das histórias pretas.

Evaristo, diz que a escrevivência é a escrita comprometida com a vida, um ato político que pretende visibilizar e ter como ponto de partida e ponto de chegada as histórias e as narrativas pretas para pensar a sociedade. É a escrita que nasce dos cotidianos vividos-sentidos por cada pessoa preta, onde é possível “embaralhar tudo vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência”. (Evaristo, 2022, p. 3).

Em Canção para ninar menino grande (2022), Evaristo nos conta que só falará do brilho das estrelas e das árvores frondosas que habitam as esquinas, se tudo isso vier agarrado a vida “nem precisa ser só a minha, pois me é fundamental a vida das pessoas em meu entorno. Das pessoas, em particular da minha gente, das que estão aqui e agora, das resguardadas tanto pelo passado recente, como das que moram nos fundos dos tempos e que predisseram e predizem o tempo do que vai acontecer” (Evaristo, 2022, p. 9).

Entre os anos de 1920 e 1947, Monteiro Lobato[[5]](#footnote-5), escritor brasileiro, criou uma série literária que foi dividida em 23 volumes e que tem como cenário principal um sítio chamado de Picapau amarelo. Nesse sítio viviam vários personagens, mas aqui nos atentaremos a personagem Tia Nastácia, uma mulher negra, popularmente conhecida por ser representada como uma excelente contadora de histórias, retratada pelo autor como uma negra de estimação.

As histórias contadas no sítio do Picapau amarelo por Monteiro Lobato foram transformadas em um disco musical. Dorival Caymmi compôs uma música chamada Tia Nastácia[[6]](#footnote-6), para fazer parte da trilha sonora das histórias que eram contadas. Para acessar a música, deixo aqui o Qr Code e o link na nota de rodapé.



A música composta por Dorival Caymmi conta a história de Tia Nastácia uma mulher negra, chamada por ele de “velha de colo quente, que conta histórias para ninar”:

Na hora em que o sol se esconde
E o sono chega
O sinhôzinho vai procurar
A velha de colo quente
Que canta quadras e conta histórias
Para ninar

Sinhá Nastácia que conta história
Sinhá Nastácia sabe agradar
Sinhá Nastácia que quando nina
Acaba por cochilar
Sinhá Nastácia vai murmurando
Histórias para ninar.

Em seus escritos, Evaristo nos diz que se antes contávamos histórias para fazer a casa grande adormecer, hoje contamos nossas histórias para fazê-la acordar “e se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” (Evaristo, 2020, p. 30).

Ouso dizer que a escrevivência é uma tecnologia ancestral de perturbação. Escrevemos, narramos, brincamos, cantamos e desenhamos nossas vidas para borrar as representações únicas que tentam escupir em nossos corpos. “Escrevemos para não morrer e contamos histórias para viver”. (Costa, 2023, p. 32).

Quando penso a escrevivência como movimento necessário às pesquisas com os cotidianos pretos, quero afirmar a importância do fazer científico que é comprometido com as experiências vividas-sentidas por nós, pessoas pretas. Conceição Evaristo nos afirma que a escrevivência “não se esgota em experiência pessoal, mas se enreda, se cumplicia, se (con)funde com tantas outras vivências.” (Evaristo, 2022 p. 5). “O ato de escrever se dá profundamente cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade.” (Evaristo, 2020, p.18). A escrevivência é a escrita de nós, uma experiência pautada na coletividade que tenta resguardar para as pessoas pretas o direito de contarem suas próprias histórias.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escrevivência, como movimento necessário às pesquisas com os cotidianos pretos, pode ser entendida como um ato de descolonização, como uma tecnologia de contar as histórias que a história não conta”[[7]](#footnote-7), como um ato que permite as pessoas pretas se inventarem de um modo novo (Kilomba, 2023).

Se comprometer com o premeditado ato de traçar uma escrevivência é entender que escrevemos a vida pautada na coletividade das experiências. Conceição Evaristo (2022) nos diz que fazer escrevivência exige de nós apurar todos os sentidos e agarrar o que o corpo diz, isto é, “agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimento”. (Evaristo, 2022, p. 9).

Carolina Maria de Jesus, em Quarto de despejo: diário de uma favelada, diz: “Escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês” (De Jesus, 2014, p.172). A escrita de nossas histórias comprometidas com a escrevivência fazem ecoar “a vida-liberdade”, “as vozes caladas e engasgadas nas gargantas” (Evaristo, 2021 p. 25).

Penso que fazer escrevivência na universidade significa caminhar com o passado a nossa frente e com o futuro nas costas, uma perspectiva ancestral de (re)inventar o mundo a partir do passado, tendo como possibilidade compreender o presente e o futuro. Penso que “nada é mais insubmisso do que ver uma pessoa preta escrevendo a si própria, compartilhando suas memórias e produzindo outros discursos para representar nossas existências”. (Costa, 2023, p. 114 - 115).

**Referências Bibliográficas**

ANDRADE, ALVES, CALDAS. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos-após muitas ‘conversas’ acerca deles**. In: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas/ Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Süssekind. (organizadores) - Curitiba: CRV, 2019. p 20.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Caroline Cabral da. **Ciberaquilombamentos:** produção de resistências pretas em tepos pandêmicos. 2023. 119 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Poemas da recordação e outros movimentos** - Rio de Janeiro: Malê 2021.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Canção para ninar menino grande**. 2ª ed. Rio de Janeiro - Pallas: 2022.

Evaristo, C. et al. Escrevivência: **a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo/ organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 2014.

# KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** - 1 ed.- São Paulo: companhia das letras 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. **Tecnodocências:** a sala de aula e a invenção de mundos. 1ª ed. Salvador- BA: Editora Devires, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas** – Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

1. Doutoranda do curso de Educação da Universidade do estado do Rio de Janeiro – RJ, carolcabraldacosta@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor Doutor do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ, leonolascosilva@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Estar na margem (...) é ser parte do todo, mas fora do corpo principal [....] a margem se configura como um espaço de abertura radical [....] de criatividade, onde novos discursos críticos se dão. É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como ‘raça’, ‘gênero’, ‘sexualidade’ e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas [....] a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos [....] A margem é tanto um local de repressão quanto um local de resistência. (Kilomba, 2019, p. 67- 68). [↑](#footnote-ref-3)
4. Tomo de Rufino a ideia de encruzilhada. A encruzilhada é a boca do mundo, é o saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez, abrindo caminhos. (Rufino, 2019, p. 5). [↑](#footnote-ref-4)
5. Para conhecer mais sobre o autor, *Cf:* <<https://www.geledes.org.br/monteiro-lobato-racista-empedernido/> >. Acesso: 14/05/2024. [↑](#footnote-ref-5)
6. *Cf:* <<https://www.youtube.com/watch?v=kvjVWWBm8tA>>. Acesso:14/05/2024. [↑](#footnote-ref-6)
7. #  Samba enredo Histórias Para Ninar Gente Grande.

*Cf:* <<https://www.youtube.com/watch?v=TolFjpe9n1w>>. Acesso:14/05/2024. [↑](#footnote-ref-7)